



## O DESAFIO DA DES-RE-TERRITORIALIZAÇÃO PARA ESTUDANTES NEGROS/AS MORADORES/AS DE FAVELA NA UNIVERSIDADE PÚBLICA: O CASO DO PROGRAMA CONEXÕES DE SABERES

Francisco Marcelo da Silva<sup>1</sup>

**Resumo:** o *Programa Conexões de Saberes: diálogo entre a universidade e as comunidades populares*<sup>2</sup> é Política Afirmativa de Permanência desenvolvida pelo MEC desde 2004, destinada a garantir uma permanência com qualidade a estudantes negros/as moradores/as de favelas, especificamente,<sup>3</sup> no ensino superior. Para além das dificuldades materiais que geralmente se apresentam como entrave primeiro a permanência de grupos historicamente marginalizados a partir da entrada no ensino superior brasileiro, outras formas silenciosas como falta de familiaridade com temas acadêmicos, discriminação racial e territorial também atuam como obstáculos a serem superados por esses grupos nos espaços acadêmicos, que na busca por soluções imediatas podem vir a desenvolver como autodefesa, a negação de suas origens étnicas e/ou socioterritoriais na luta por uma permanência menos atribulada na universidade.

**Palavras-chave:** Favelas – Universidade – Des-reterritorialização – Estudantes Negros/as – Políticas de Permanência.

### THE CHALLENGE OF THE “DES-RE-TERRITORIALIZATION” FOR BLACK STUDENTS RESIDING IN FAVELAS IN PUBLIC UNIVERSITY: THE CASE OF THE PROGRAM CONNECTIONS OF KNOWLEDGE

**Abstract:** The *Program Connections of Knowledge: Dialogue between the university and the popular communities* is an Affirmative Policy of Permanence developed by the MEC since 2004, destined to ensure quality stay to the black students residing in favelas, specifically, in higher education. Beyond the material difficulties that are usually present as the first barrier to the stay of historically marginalized groups when they enter in Brazilian higher education, other silent forms such as lack of familiarity with academic issues, racial and territorial discrimination also act as obstacles to be overcome by these groups in academic space, that in the search for immediate solutions may develop as self-defense, the denial of their ethnic origins and/or social territories in the light for a permanence less troubled at university.

**Keywords:** Favelas. University. Des-reterritorialization. Black students. Permanence policy.

---

<sup>1</sup> Doutorando e Mestre em Educação pelo Programa de Pós-graduação da Universidade Federal Fluminense – UFF. Formado em Geografia pela UFF, pesquisador formado nas favelas do Conjunto de Favelas da Maré no Rio de Janeiro e com experiência no debate sobre favelas, territorialidades e Educação Superior. Ex-bolsista da Fundação Ford com pesquisa de mestrado financiado por esta instituição.

<sup>2</sup> O Programa Conexões de Saberes desde 2004 é Coordenado pela SECADI/MEC e cobre todo território nacional com mais de 33 IFES filiadas.

<sup>3</sup> O Programa na sua essência também abrange outros estudantes de comparada situação social, mas que não se declaram negros, por exemplo: estudantes de escola pública com renda até seis salários mínimos e estudantes indígenas.



## LE DÉFI DE LA DES-RE-TERRITORIALISATION POUR ÉTUDIANTS NOIRS RÉSIDENTS DE BIDONVILLE DANS UNIVERSITÉ PUBLIQUE: LE CAS DE PROGRAMME CONNECTIONS DES SAVOIRS

**Résumé:** Le *Programme Connections de Savoirs: Dialogue entre l'université et les communautés populaire* est la Politique Positive de Permanence Restez développé par MEC depuis 2004, destiné à assurer une rester de qualité a étudiants noirs résidents des bidonvilles, en particulier dans l'enseignement supérieur. Pour là des difficultés matérielles qui sont habituellement se présents comme l'obstacle premier à permanence des groupes historiquement marginalisés à partir de l'entraide dans l'enseignement supérieur brésilien, d'autres formes silencieuses telles que le manque de familiarité avec les thèmes académiques, discrimination raciale et territoriale aussi agissent également comme des obstacles à surmonter par ces groupes dans les zones universitaires, que la recherche de solutions immédiates peut se développer que l'auto-défense, le déni de leurs origines ethniques et / ou socio-territoriale dans la lutte pour une permanence moins mouvementée à l'université.

**Mots-clés:** bidonvilles. Université. Des-reterritorialisation. Les étudiants noirs. Politiques de permanence

## EL DESAFÍO DE LOS DESPLAZAMIENTOS PARA ESTUDIANTES NEGROS/AS VIVIENTES DE LA FAVELA EN LA UNIVERSIDAD PÚBLICA: EL CASO DEL PROGRAMA CONEXIONES DE SABERES

**Resumen:** El Programa Conexiones de Saberes: diálogo entre la universidad y las comunidades populares es una Política Afirmativa de Permanencia desarrollada por el MEC desde 2004, destinada a garantizar una permanencia con cualidad a estudiantes negros/as vivientes de las favelas, específicamente, estudiantes de la enseñanza superior. Para además de las dificultades materiales que generalmente se presentan como dificultades a la permanencia de grupos históricamente marginalizados a partir de la entrada en la enseñanza superior de Brasil, otras formas silenciosas como falta de familiaridad con temas académicos, discriminación racial y territorial también actúan como obstáculos a ser superados por estos grupos en los espacios académicos, que en la búsqueda por soluciones inmediatas pueden venir a desarrollar como auto-defensa, la negación de sus orígenes, étnicas y/o socio territoriales en la lucha por una permanencia menos atribulada en la universidad.

**Palabras clave:** Favelas. Universidad. Desplazamiento. Estudiantes Negros/ Negras. Política de Permanencia.

## INTRODUÇÃO

Criado em 2004, no âmbito da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade do Ministério da Educação – SECAD/MEC, atualmente SECADI/MEC, a partir de uma experiência pioneira do Observatório de Favelas do Rio



de Janeiro,<sup>4</sup> o Programa *Conexões de Saberes* nasceu com o propósito inicial da construção de uma rede sociopedagógica para a ampliação dos vínculos entre as instituições acadêmicas e as comunidades populares através da inserção de estudantes negros/as e indígenas de origem popular e outros sem a mesma origem étnico-racial, mas originários de territórios cujo padrão socioeconômico compromete a sua qualidade de vida. O propósito do Programa é garantir uma formação de qualidade por meio da inserção dos sujeitos selecionados nas práticas de pesquisa e extensão universitárias, vinculadas aos problemas enfrentados por suas comunidades faveladas de origem, em seus cotidianos. Entende-se, portanto, que esta qualificação deverá ser caracterizada por uma formação que articule os saberes acadêmicos e os problemas e saberes oriundos das comunidades faveladas dos graduandos selecionados ao mesmo tempo em que garanta as condições materiais/objetivas, imprescindíveis a um desempenho acadêmico satisfatório. É, portanto, durante o processo de formação que a qualificação pretendida deverá ocorrer.

Esse trabalho pretende apresentar alguns resultados da pesquisa realizada com bolsistas e coordenadores do Programa *Conexões de Saberes* na busca por entender a relevância desta política pública junto aos/as estudantes negros/as moradores/as de favelas e suas contribuições para a permanência dos mesmos no ensino superior, assim como, analisar se ocorreu de fato o (res)estabelecimento e o fortalecimento dos vínculos identitários no que concernem as questões raciais e territoriais, metas pretendidas pelo Programa sem o rompimento étnico e sociorracial.

### **DESCONSTRUINDO E RECONSTRUINDO NOVAS TERRITORIALIDADES**

Para os idealizadores do Programa *Conexões de Saberes* o enfraquecimento do vínculo entre os chamados *universitários emergentes* e seu território de origem, as favelas, provocado pela necessidade e desejo de permanência no espaço acadêmico a todo custo, tem sido um dos fatores para o enfraquecimento dos vínculos desses estudantes com suas comunidades de favelas. Além disso, poucos universitários moradores de favelas usam o fator favela como estratégia de permanência ou de distinção social na universidade pelo fato da imagem negativa e preconceituosa que se

---

<sup>4</sup> Organização da Sociedade Civil de Interesse Público – OSCIP, localizada em uma das 16 favelas que compõe o conjunto de favelas da Maré, na cidade do Rio de Janeiro.



tem desses espaços. Daí a ideia de se criar um Programa de permanência que, por um lado tivesse como objetivo uma assistência estudantil para grupos específicos com histórico de fragilização por diferentes formas de discriminação e, por outro, que os reconhecessem dentro da universidade, dando-lhes visibilidade através de ações sinérgicas que contemplassem o desejo de ser e estar na universidade com o compromisso social de oferecer algum tipo de *retorno social* a seu território de origem. Para isso, não bastava apenas envolvê-los nas atividades sociais realizadas pela universidade nas favelas através das ações de Extensão. Era preciso criar e/ou reforçar vínculos territoriais, valorizar cultural e socialmente a favela na busca por construir *conexões*.

Entende-se que o debate que vem envolvendo a questão do pertencimento ou das heranças territoriais converge para o que Hall (2006) denominou de “*identidades modernas descentradas*”. Ou seja, a partir dessa expressão, trazendo para nosso campo de análise e entendo o espaço acadêmico e o espaço favelado como territórios distintos, mas que estão a todo tempo *construindo e desconstruindo* identidades, que Rogério Haesbaert (2009) entende como multiterritorialidades, procuramos analisar, a partir da fala de nossas interlocutoras, de que forma a entrada no Programa Conexões de Saberes os influenciou a esse respeito. Criou-se apenas uma relação romantizada sobre as favelas ou se de fato as despertou, no caso dos adormecidos, para um sentimento de compromisso e de atuação política acompanhada de um olhar mais crítico sobre as diferentes formas de desigualdade em que ainda vivem a maior parte dos/as negros/as no Brasil?

Para Hall, o conceito de *identidade* é extremamente complexo e ainda muito pouco desenvolvido e compreendido na Ciência Social (Hall, 2006). Segundo esse autor as teorias que embasam a crença de que existe uma crise de identidade no mundo moderno tem fim no final do século passado por conta de mudanças estruturais. De acordo com Hall essas mudanças foram responsáveis pela fragmentação das paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que outrora foram responsáveis por nossas sólidas localizações enquanto indivíduos sociais. Ainda de acordo com Hall, seriam estas transformações responsáveis por nossas mudanças de identidades pessoais, pondo dúvidas em nós mesmos sobre a ideia que temos a cerca dos sujeitos integrados. E conclui:



Esta perda de um ‘sentido de si’ estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento – descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmo – constitui uma ‘crise de identidade’ para o indivíduo. (Hall, 2006)

Desta forma, utilizando-nos das contribuições de Hall, é possível afirmar que a criação e difusão em todo o território nacional do Programa Conexões de Saberes, refletem uma “crise de identidade” dos universitários de origem favelada, em especial negros, que estariam tendo suas identidades abaladas por conta da entrada na universidade, o que faria da universidade um espaço adverso à convivência da diferença e da diversidade. Desta forma, seria a universidade uma espécie de *máquina catequizadora* que na eminência de uma *ameaça* a sua estabilidade social, financeira e cultural impõem ao *outro* a dúvida e a incerteza sobre a sua identidade, propondo como saída à transformação, a mudança.

Segundo Rogério Haesbaert (2009), muitos autores lançam mão dos conceitos geográficos, em especial, do conceito de *Espaço*, não para uma análise da emergência do novo, mas para análise do desaparecimento do antigo, do remoto. Por outro lado, outros estudiosos, segundo o autor, mais visionários, chegam até mesmo a definir a questão da *des-re-territorialização* como a mais importante surgida ao final do século passado.

Nosso propósito ao lançar mão dos conceitos de des-re-territorialização para analisar o movimento de saída, entrada e reentrada de estudantes universitários negros moradores de favela na universidade, é demonstrar que mesmo entendendo que a des-re-territorialização é fenômeno inerente a criação de territórios, para o ser humano ele [o território] é condição *sine qua non*, pois a sua “ausência” resultaria na fragilização e desmanche do homem enquanto sujeito social.

Sendo assim, não buscamos aqui corroborar com a ideia de que des-re-territorialização signifique “fim dos territórios”, mas sim, concordar com Milton Santos (1998, 2000, 2007) e Haesbaert (2009) que a “*saída*” de um território, a “*entrada*” em outro e o “*retorno*” para o primeiro envolve todo um processo, que de acordo com a subjetividade de cada sujeito, pode resultar em diferentes respostas sociológicas, mas que em cada sujeito se poderá encontrar um pouco de cada território vivido ou vivenciado, transformando-o num sujeito multiterritorializado (Haesbaert, 2009). Cabe-nos aqui entender de que forma essa multiterritorialização ocorre em relação a



estudantes negros/as moradores/as de espaços favelados e bolsistas do Programa Conexões de Saberes na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO.

Para Haesbaert o mito da des-re-territorialização é o mito daqueles que creem que o homem possa viver sem território, ou que se possa construir uma sociedade *desterritorializada*. Para ele o movimento de “destruição” do território é o mesmo de “reconstrução” em novas bases. No caso de estudantes negros e favelados no espaço universitário, o processo de entrada e permanência na universidade sem desligar-se totalmente da favela pode representar a abertura para novas e diferentes experiências, mas também pode vir a representar um tipo de ameaça a sua territorialidade em relação ao território de origem já que a entrada na universidade exige a incorporação de novas estratégias, aprendizagens e comportamentos. Portanto, o processo social que envolve os laços afetivos até as redes sociais que os levam ao ensino superior, de alguma forma os afasta de suas *territorialidades nativas* os aproximando de novas formas de territorialização. É nesse sentido que buscamos entender como o Programa Conexões de Saberes atua na manutenção dos vínculos desses estudantes com o território de origem sem arriscar a cooptação por parte dos novos atores sociais nos “novos” territórios.

Porém, é preciso entender que processo de des-re-territorialização pode ocorrer até mesmo sem o afastamento do território de origem. O esforço aqui é para demonstrar que mesmo dentro do território de origem esses estudantes podem criar nichos, tribos ou grupos onde possam desenvolver um comportamento totalmente distinto das demais pessoas moradoras daquele espaço. Esse não é o objetivo desse estudo, mas se faz necessário entender como ocorre a relação desses estudantes com as pessoas de sua vizinhança e parentes para apreender um pouco o grau de pertencimento que mantém com a favela. Só assim, se poderá com o auxílio dos interrogatórios dimensionarmos seu grau de inserção e pertencimento com seu território para então inferir melhor sobre a real importância do Programa Conexões de Saberes não só para a vida desses estudantes, mas também para a universidade, a favela e a sociedade em geral.

### **O QUE É FAVELADO PARA UM/A ESTUDANTE UNIVERSITÁRIO/A NEGRO/A MORADOR/A DE FAVELA?**



Nossa preocupação ocorre de uma experiência empírica observada na favela da Maré<sup>5</sup>, onde a maioria dos estudantes que ingressam na universidade criaram seus espaços particulares de convivência, de amizade, com rotas próprias de circulação com grupos específicos. Uma estratégia que ao mesmo tempo em que os protege de uma possível *contaminação*, pois alegam que na favela poucas coisas contribuem para uma permanência mais qualificada na universidade, ao mesmo tempo em que reforçam a construção de uma rede social de universitários de favela para a troca de informações, desenvolvimento de atividades culturais, organizações políticas, planejamentos etc.

Assim sendo, mesmo morando na favela esses estudantes podem assim desenvolver as características que julgam necessárias para o pleno exercício do *saber-ser universitário*. Porém, podem, desta forma, estar contribuindo para o enfraquecimento de seus pertencimentos identitários a medida que passam a desvalorizar suas trajetórias, suas histórias pessoais, a história local, os conhecimentos adquiridos e repassados de geração a geração e as redes construídas que acabaram contribuindo, direta ou indiretamente, para sua formação enquanto cidadão, estudante e universitário.

Durante as entrevistas, antes de abordarmos ao tema *políticas de ação afirmativa*, buscamos, primeiramente, abordar a questão da *des-re-territorialização*, procurando apreender qual o grau de relação que as nossas interlocutoras mantêm com seus territórios de morada, doravante denominado como *Favela* por conta de toda a força histórica, social e política e seu papel importante na constituição da *polis*, independente do peso pejorativa destinada a esse território e numa clara e manifesta atitude de desobediência civil.

Nesse sentido, nas entrevistas com as interlocutoras foi perguntado se utilizavam no dia-a-dia o termo *Favela* para identificar seus locais de morada ou se optavam por eufemismos como *comunidades*, *espaço popular*, *bairro popular*, *periferia*, entre outros. Logo depois perguntamos sobre a identidade territorial, ou seja, como se classificavam territorialmente a partir da definição que haviam acabado de fornecer. Mais à frente, na parte destinada estritamente sobre a permanência no Programa Conexões de Saberes tornamos a arguir sobre a questão territorial. O objetivo era

---

<sup>5</sup> A Maré é um bairro formado por um conjunto de 16 (dezesseis) favelas localizadas entre as principais vias expressas da cidade e as margens da Baía de Guanabara. De acordo com o último Censo realizado em 2010, sua população chega a aproximadamente 160.000 pessoas.



observar que termos utilizam, a priori, para *hetero-definir* seus espaços de morada e se autodefinir, a posteriori. Depois buscamos apreender se essas relações se alteraram após a passagem pelo Programa Conexões de Saberes.

Apesar da constatação de uma pequena mudança positiva na relação com as seus territórios favelados de origem e até mesmo em relação ao sentimento de *pertencimento territorial*, percebemos que o entendimento de que *favela* é algo ruim e que é preciso se distanciar ou promover uma alteração terminológica ou de nomenclatura para que possa se desconstruir o estigma historicamente construído que associa a favela e os favelados a preconceitos e discriminações, ainda é recorrente. Como se simples mudança de nomenclatura sobreporia séculos de perseguição e discriminação.

Para a estudante Fernanda, estudante do curso de Pedagogia, que no início de nossa entrevista se autodefiniu como parda, a questão da favela está diretamente ligada à questão racial. Sendo assim, ela não teria problema em se autodefinir como favelada porque dificilmente seria reconhecida assim já que sua pele é mais clara:

Por que pelo meu local de moradia eu não seria considerada [favelada]. Mas convivendo e observando as pessoas em volta, normalmente é uma questão racial. Tentam identificar mais a pessoa, principalmente, se mora próxima a alguma comunidade, ali [onde mora] eu não considero, mas seria considerado favelado quem fosse negro, mas como eu não sou e não me considero negra, então eu não teria problema em ser chamada de favelada. (*Fernanda, estudante de Pedagogia na UNIRIO*)

Algumas questões se evidenciam na fala de Fernanda. A primeira em relação a uma dúvida quanto a sua autodefinição racial já que mesmo informando inicialmente ser *parda*, alega usar a questão da autodefinição racial de acordo com a exigência do momento. Ou seja, seria como se sua identidade sociorracial pudesse ser sacada do bolso a qualquer momento. Ela é negra quando interessa ser negra, na obtenção de algum benefício social, financeiro ou político, por exemplo, e parda quando o *ser negro* pode vir a deixá-la em desvantagem em alguma situação específica. A segunda questão, quando nos relata que acredita que favela é majoritariamente lugar de negro. O posicionamento de Fernanda corrobora com os argumentos dos Movimentos Sociais Negros que lutam pela implementação das políticas de ação afirmativa com recorte racial para negros no Ensino Superior. Muitos ativistas negros e estudiosos do tema apontam que o uso da autodefinição ou da autodeclaração racial pode contribuir para



uma espécie de fraude no processo de seleção, o que prejudicaria aqueles que realmente se autodeclararam e que são hetero-identificados como negros e negras.

Questionada sobre sua origem racial respondeu como sendo parda, mas ao ser interpelada sobre sua origem territorial tergiversou afirmando que favela é lugar de negro e ela por *não* ser negra não teria problema em ser identificada como favelada. Mesmo sabendo que a autodeclaração racial negra não era critério primordial (e sim, complementar) para seleção no Programa Conexões de Saberes. Fernanda por ter conhecimento prévio de que em programas com esse tipo de recorte social a questão racial também tem peso importante e que apesar de ter traços afrodescendentes, o tom mais claro da sua pele ajudaria a se desvencilhar dos estigmas raciais e sociais utilizados para perseguir, discriminar e prejudicar as pessoas de cor em nossa sociedade e, conseqüentemente, na universidade, onde a presença dos negros/as ainda é muito reduzida.

Para a estudante Juliana do curso de Museologia, que se autodefine como negra, ao ser arguida se teria problema em se autodefinir como favelada, foi categórica:

Sim, com certeza. Porque é um termo pejorativo. Hoje em dia é um termo pejorativo. É um termo que te *denigre* de alguma forma. Eu não me conceituaria dessa forma por saber do peso que esse termo tem. Como sendo de *origem popular* ou de baixa-renda tudo bem, menos esse termo. E também não faço referência a nenhuma outra pessoa porque não gosto desse termo. (*Juliana, estudante de Museologia na UNIRIO*)

O posicionamento de Juliana não é muito diferente de Fernanda. Para ambas o termo favela remete a algo ruim, feio. A entrevistada afirmando-se negra utiliza o verbo *denegrir*, o que significaria enegrecer ou tornar negro, para classificar o termo *favela* como pejorativo. Isso demonstra que mesmo o Programa Conexões de Saberes tendo seu foco na *conexão de saberes* entre a universidade e as *comunidades populares* [favelas] através de ações das Pró-reitorias de Extensão Universitárias, se utilizando desses estudantes na função de mediadores sociais nessa pretensa conexão, questões sociais como a ressignificação de termos como *favela*, parecem não terem sido solucionadas. Longe de uma visão romantizada sobre os espaços favelados, é preciso debater a fundo com essas estudantes as origens das desigualdades sociais e raciais para que não reforcem estigmas e estereótipos historicamente usados contra a favela e, conseqüentemente, contra elas também. A busca por eufemismos ou paliativos em nada altera a relação entre esses espaços e o poder público e o restante da cidade.



Em relação à estudante Marília, também estudante do curso de Museologia, ao ser questionada, se teria problema em ser identificada como favelada, respondeu da seguinte forma:

Não. Até porque estou inserida num espaço assim. Desde que conheci o museu onde trabalho, dediquei toda a minha formação para estar. E aí, trabalhar num museu que fica dentro de uma favela, é uma desconstrução. Por que as pessoas têm um preconceito: ‘você estudou tanto para estar numa favela?’ Então, é o meu desconstruir esse preconceito. (*Marília, estudante de Museologia na UNIRIO*)

Marília, estudante de Museologia, é um caso diferente das demais. Mesmo o conjunto residencial onde mora estando inserido no mapa geográfico que demarca o conjunto de favelas do Alemão, na zona norte da cidade, não se reconhece como favelada por isso, mas sim, pelo fato de trabalhar em um museu localizado em outro conjunto de favelas da cidade. Além de aparentemente mais politizada, a fala de Marília demonstra um inconformismo em relação ao preconceito sobre territórios favelados, o que também pode ser entendido como uma “visão missionária” que se aproxima do olhar *vitimizador*, muito comum em algumas ONGs, instituições religiosas, veículos de comunicação etc.

Mas, nesse caso específico o que percebemos é um posicionamento político-militante engajado e motivado pela luta contra o preconceito. O que não deixa de ser um fenômeno interessante, pois demonstra que nesse caso o propósito inicial do Programa Conexões de Saberes em formar novas lideranças capacitadas em desenvolver novos projetos e atuar politicamente em prol dos espaços favelados estaria se materializando na caminhada traçada até aqui por Marília.

### **O QUE É FAVELA PARA O/A ESTUDANTE UNIVERSITÁRIO/A NEGRO/A MORADOR/A DE FAVELA?**

Importante pontuar que as três entrevistadas extrapolaram o tempo de permanência permitido, que seria de dois anos, no Programa Conexões de Saberes/UNIRIO. Essa informação dissipa quaisquer dúvidas sobre o tempo de formação dentro do Programa e obviamente lança desconfiança sobre a formação destinada aos bolsistas do Programa. Todas as três quando entraram para o Programa já eram moradoras de favelas. Mesmo diante de respostas tão heterogêneas sobre o tema



da autodefinição socioterritorial, buscamos compreender um pouco mais como definem conceitualmente seus espaços de origem e qual o termo mais adequado para identificá-lo.

Para a estudante de Pedagogia, Fernanda, entre os termos usualmente utilizados para definir seu local de moradia o ideal seria *espaço popular* e explica por que:

Acho que espaço popular. Por ser um local que não é de difícil acesso, mas que é mais desvalorizado socialmente no sentido de alguns direitos, algumas coisas que você percebe haver um contraste de um bairro para o outro e ali na zona norte eu percebo isso, principalmente em comparação aos bairros da zona sul que são bem valorizados e ali (na zona norte) não há tanto investimento. (Fernanda, estudante de Pedagogia na UNIRIO)

Para Juliana, estudante de Museologia e moradora da Zona Norte, também corrobora com a opinião de Fernanda em termo dos aspectos físicos necessários para definir o que é favela:

Na verdade eu acho que esses conceitos todos foram modificando ao longo do tempo. Eu morava em Del Castilho, depois vim morar aqui, na verdade eu moro em Turiaçu que é um bairro vizinho a Madureira e numa rua que dá pra uma comunidade que é o Cajueiro, o Faz Quem Quer, uma loucura ali que fica até difícil de você discernir. Inicialmente você pagava imposto, então eu morava num bairro. Depois de um tempo vem o governo e diz que você mora num local de risco, então você já não paga IPTU e fica isento de um monte de coisas, e você fica meio que tentando entender o que é isso. Depois que entro para o Conexões esses termos ressurgem e a gente vai procurar entender melhor que na verdade é um bairro de origem popular porque na verdade as pessoas não tem muito estudo onde eu moro. Então você tem uma preocupação e uma proximidade com a violência. Então, é um reduto complexo. Mas eu entendo que periferia ainda é uma coisa distante, e lembro que pelo Conexões quando eu fui para o Escola Aberta,<sup>6</sup> até o termo periferia para mim já havia mudado porque o que eu conceituava como periferia era o local onde eu moro, mas nas escolas onde atuei em Belford Roxo eu considero muito mais periferia do que onde moro. Então, tudo mudou um pouco. Essa visão vai sendo repensada a cada ação. (Juliana, estudante de Museologia na UNIRIO)

Para Marília, também estudante de Museologia e moradora da Zona Norte, que se coloca na condição de militante na luta pela desconstrução dos preconceitos em relação à favela, o termo mais adequado para se referir à favela seria, da mesma forma

---

<sup>6</sup> O Programa Conexões de Saberes buscando ampliar sua capilaridade a nível nacional e também a quantidade de bolsistas, realizou algumas parcerias com outros programas do Ministério da Educação – MEC. A parceria com o Programa Escola Aberta foi a primeira dessas parcerias e a mais exitosa também. O Escola Aberta consistia e abrir as escolas públicas nos finais de semana para atividades lúdicas, culturais e sociais. Na parceria com o Programa Conexões os universitários atuavam no Escola Aberta ministrando oficinas de leitura e direitos humanos.



que Fernanda: *espaço popular*. Que segundo ambas: definiria melhor os espaços favelados da cidade:

Espaço popular. Porque é um conjunto habitacional que foi construído para abrigar soldados da polícia, então, está fora dessa realidade. Não se adapta a uma favela. Ao que a gente entende como espaço de uma favela. Ele não se enquadra ao conceito de favela.

Qual seria o conceito de favela ideal para você, Marília?

É um espaço em que o poder público não atua. Ele tem problemas geográficos, ele tem problema de habitações irregulares, mas o que mais o marca é a ausência do poder público pela falta de educação, pela falta de escola, saúde e pela grande maioria de negros. (Marília, estudante de Museologia na UNIRIO)

Mesmo utilizando como argumento a “desconstrução” do estigma historicamente construído sobre o imaginário da favela e as práticas sociais de seus moradores que por várias vezes aparecem nos meios de comunicação assoberbados de preconceito e discriminação, a fala das ex-bolsistas Fernanda Marília acabam por reforçar o estereótipo sobre os espaços favelados. Tanto Fernanda como Marília não acreditam no discurso difundido pelo Programa Conexões de Saberes de que a favela produz conhecimento.

Percebemos nas falas das entrevistadas que a favela é um local *sem direitos*, de acordo com Fernanda, de *habitações irregulares*, conforme Marília e, ainda, definido como *um reduto complexo*, segundo Juliana. Todos esses termos são diariamente reforçados na mídia em geral, mas que se esperava que fossem ressignificados ou até mesmo desconstruídos por essas estudantes, a partir do momento que ingressam em um Programa de permanência de capilaridade nacional que tem como objetivo principal *conectar saberes populares e saberes acadêmicos*. O uso do termo *conexão*, em substituição de outros mais triviais, indica uma busca menos pormenorizada, e que propõem colocar o saber popular e o acadêmico no mesmo patamar de valor social, científico e cultural. Perceber que bolsistas oriundos de espaços favelados e com mais de dois anos de permanência no Programa, ainda sustentam um discurso extremamente conservador em relação ao posicionamento político, agravado pelo fato de desempenharem um papel de mediação fundamental na *conexão* desses saberes, demonstra uma deficiência na formação oferecida pelo Programa ou a necessidade de uma formação permanente, mas que aprofunde mais ainda essas temáticas.



## O IMPACTO DO PROGRAMA CONEXÕES DE SABERES

Diante dessas questões procuramos identificar se essa mesma postura se manifestava quando relacionávamos a questão da territorialização – desterritorialização - reterritorialização (TDR), diretamente com o Programa Conexões de Saberes. O objetivo foi perceber se a fala das entrevistadas sofreria alguma alteração no momento em que se solicitasse para relacionar a questão territorial com as questões conceituais trazidas pelo Programa Conexões de Saberes.

Primeiro perguntamos se a entrada no Programa Conexões de Saberes contribuiu de alguma forma na trajetória acadêmica das nossas entrevistadas. Vejamos quais foram as respostas:

De acordo com Fernanda, estudante de Pedagogia,

O Conexões veio complementar muita coisa na minha formação acadêmica. Eu passei a ter um olhar bem maior sobre o papel da universidade. Por que se eu ficasse só restrita a frequentar o curso eu não viria que a universidade poderia a vir complementar o conhecimento que ela já tem com o conhecimento que é produzido fora dela. O Conexões contribuiu muito para os espaços que ele atuou fora da universidade, trouxe esse conhecimento através dos agentes sociais que estavam próximos de nós e para a universidade para mostrar isso, mostrar que esses espaços tem seus valores e podem crescer podem melhorar, e acho que isso que acrescentou muito. E pra mim, como educadora, ver a escola e como essa escola pode estar interagindo. Acho que a universidade complementa nisso, na interação, porque se restringisse apenas a pesquisar, ela só usava como objeto e não interferia naquele objeto como forma de transformação também.

A resposta da estudante Juliana de Museologia também corrobora com a resposta anterior:

O Conexões, na minha vida acadêmica, eu acho que contribuiu exatamente com essa visão de que a gente não deve desistir. Acho que esse olhar crítico não só no meio acadêmico, mas em tudo na vida. Não só nas oficinas do Escola Aberta, da escrita dos artigos, de pensar todas essas questões de entrada e permanência, mas questões muito mais abrangentes do que essas, porque a gente vai ter que está brigando por isso sempre. Não está limitada só a universidade, ao campo acadêmico. É uma luta que a gente leva pra sempre.

Para Marília, estudante de Museologia, a passagem pelo Programa também teve significado relevante.

Se não tivesse passado pelo Conexões, não teria conhecido e aprofundado Paulo Freire e sua importância num momento da Museologia, que foi a missa de Santiago. Não teria conhecido o Fórum de Estudantes de Origem Popular e não teria conhecido o museu da Maré.



Por mais que se reconheça a importância da permanência para essas estudantes no Programa Conexões de Saberes para transformação de suas condutas em relação às questões relacionadas às desigualdades sociais existentes dentro e fora do espaço acadêmico, e o reforço do compromisso por um mundo melhor e mais justo, percebe-se que questões centrais como desigualdades territoriais urbanas e discriminação racial não aparecem de forma clara em seus depoimentos. Diante de suas respostas, perguntamos de forma mais direta se as entrevistadas concordavam, conceitualmente falando, com o termo *espaço popular* utilizado insistentemente nos documentos, publicações e pesquisas divulgadas pelas coordenações locais e nacional do Programa, em substituição ao termo *favela*. Vejamos o que responderam.

Fernanda, estudante de Pedagogia e com mais de quatro anos de permanência no Programa:

A favela tem uma riqueza e um status diferente. O lugar onde eu moro, eu não consideraria da mesma forma que uma favela. Ela [favela] tem uma diversidade, uma construção diferente, um histórico diferente, uma questão de direito, lutas sociais, bem diferente do meu bairro que foi uma coisa bem pequena e tal. E aí o porquê da gente considerar um espaço popular por ser uma coisa bem pequena, que também não tem tanto valor social, mas a favela é um espaço segregado que tem um estigma maior. Pra mim, seria muito mais uma comunidade do que um espaço popular. Por que num espaço popular as pessoas podem subentender como um espaço simples, um espaço de interações... Uma coisa muito mais simples que a favela que é um complexo de discussões, de realidades e de culturas que é bem mais amplo.

Para Juliana, estudante de Museologia e com mais de dois anos de permanência no Programa:

Olha, eu acho que sim, acredito que sim. Por que acho que é uma forma de você saber, mais ou menos, não se esse termo, favelado, se encaixaria, mas que esse espaço, que esse território precisa ser demarcado, sinalizado, acho que sim. Se não, fica difícil você saber, ter uma noção. Estou pensando enquanto uma pessoa que está no Programa, no bolsista, propriamente. Por que senão, fica difícil, sem essa demarcação fazer qualquer trabalho. Talvez seja um dos termos que acho mais adequado. Ser classificado como favela é pejorativo e dificulta a aceitação, a socialização, dificulta tudo. Por ser uma palavra que te *denigre*, te desqualifica, seria talvez esse termo, na minha visão. Agora, quando você fala em espaço popular, ou até mesmo no termo baixa-renda, que também não é um que eu goste muito, mas que ainda é um que é *tolerado*, tudo bem. Agora, favelado eu acho que te desqualifica muito.

Marília, estudante de Museologia e com mais de dois anos de permanência no Programa:



Eu vejo que hoje, falar favela não é mais politicamente correto, então a gente vai maquiado com comunidade, espaço popular... Não é maquiando o rótulo que se resolve o problema do conteúdo. A questão é outra. Não é um termo que vai resolver todos os problemas da favela. Falar favelado se torna preconceito pela forma que está sendo colocado. E geralmente as pessoas referem favelado ao preto, que já está sendo julgado por possível bandido por que é preto, e se vier gritando num ônibus e ouvindo funk: ah, favelado! Aí, se torna preconceito. Mas a palavra favela, não é o problema da sociedade. Não é maquiando ou dizendo que é politicamente incorreto, que se vai resolver.

Para a bolsista Fernanda deveria haver uma escala de importância para classificar os espaços favelados. De acordo com sua resposta o termo favela remete a uma esfera cultural, *complexo*, onde as relações são mais intensas, assim como o preconceito e os estigmas se fazem mais presentes. No caso específico da favela onde mora, por considerá-la pequena acredita que deveria ser denominada de *comunidade* ou *espaço popular*. Mesmo reconhecendo que longe dos estereótipos secularmente criados sobre os espaços favelados exista um status, uma *riqueza*, ela abre mão dessas “heranças” para desvincular-se do estigma de favelada.

A demonstração de certo conflito apresentado por Fernanda em relação a seu posicionamento sobre sua territorialidade, pode indicar certo enviesamento em relação à formação recebida. Por outro lado, as diferentes formas de olhar sobre um mesmo objeto pode indicar também uma *exotização* sobre alguns espaços favelados da cidade entendidos como grandes conjuntos de favelas e, por isso, com uma maior riqueza de diversidades e expressões sociais, econômicas e culturais, em detrimento de favelas menores, mas não menos importantes.

Para a bolsista Juliana de Museologia, o termo favela desqualifica, *denigre*. O olhar que Juliana tem sobre seu espaço de moradia em nada difere do olhar construído pelos *outsiders*, ou seja, os de fora da favela. Mesmo permanecendo mais de dois anos no Programa debatendo sobre as questões que envolvem a construção e desconstrução de preconceitos em relação a seu espaço de moradia, sua opinião corrobora e reforça o imaginário popular de que os espaços favelados subvertem a concepção de cidade e que a adoção de termos como *espaço popular* poderia modificar o olhar preconceituoso e pejorativo sobre esses espaços.

O posicionamento de Juliana em relação à favela é contraditório ao que propõe o Programa Conexões de Saberes na tentativa de tornar a favela um lugar de produção de conhecimento, assim como a universidade e outros espaços da cidade, e que teria nos



bolsistas referências comunitárias na condição dialógica com os demais espaços da cidade, entre eles o acadêmico.

A resposta de Marília é completamente diferente dos posicionamentos de Fernanda e Juliana. Talvez por conta de sua passagem em uma ONG que oferecia uma reflexão mais aprofundada sobre as causas das desigualdades raciais e, conseqüentemente, sociais, e sua atuação em uma instituição localizada numa favela do Rio de Janeiro, podem tê-la influenciado a adotar de um posicionamento político mais contundente e menos conservador, em relação às terminologias designadas para tratar do tema *favela*. Para Marília a simples modificação terminológica por si só não resolve os problemas enfrentados pelos moradores desses espaços. Segundo Marília, o uso de outras terminologias como espaço popular, por exemplo, não passam de maquiagens para não se buscar de fato uma solução para os problemas sociais da cidade como um todo.

Não é demais reforçar que o Programa Conexões de Saberes se propõe a conectar os saberes produzidos na universidade com os saberes construídos de forma espontânea nas favelas. Ou seja, parte de um princípio de que as favelas e os favelados também produzem conhecimento, conhecimento esse que ainda não foi sistematizado, e nem é isso que se propõe como já afirmamos anteriormente, mas que conectado ao conhecimento acadêmico possa servir, entre outras coisas, para a construção de uma nova pedagogia acadêmica.

### PARA NÃO CONCLUIR

Analisando estritamente a construção de um *novo saber* dialógico entre favela e universidade, pensamos em como fazer essa *conexão* e partindo do ponto concreto de que a entrada de estudantes negros/as oriundos/as de espaços favelados é uma realidade em praticamente todas as universidades públicas do país antes mesmo da criação do Programa, mesmo sendo as políticas de ação afirmativa ainda um imbróglio em nosso país. Buscamos identificar esses estudantes, oferecendo-lhes uma formação e transformando-os em mediadores na construção desse novo saber, dessa nova universidade. Infelizmente a questão racial foi subalternizada diante da questão



territorial e o fator território tomou proporções maiores de importância no desenvolvimento das atividades.

Queremos com isso demonstrar que a questão da identidade territorial constantemente teve mais peso e mais receptividade no Programa Conexões de Saberes do que a questão racial, mesmo o Programa tendo sido concebido como um Programa de Ação Afirmativa com critérios sociais, territoriais e raciais de seleção a partir de sua gestão pelo MEC. Mediante as respostas acima apresentadas, perante todos esses questionamentos procuramos saber das entrevistadas, o que realmente mudou do olhar que tinham anteriormente sobre a favela após a passagem pelo *Programa Conexões de Saberes: diálogo entre a universidade e as comunidades populares*. Já que a maioria das respostas apresenta um olhar ainda estereotipado sobre as favelas, o que seria “aceitável” se essas pessoas não tivessem tido acesso ao ensino superior e se mantido por mais de dois anos em um Programa que tem por essência desconstruir esse tipo de estereótipo. Observemos as respostas: “Não com meu espaço de moradia. Por que eu nunca pude observar muito o meu bairro. O meu bairro vai contra aquilo que eu gosto que é a favela.”

Você pensa em morar na Maré?

Penso, mas com muito medo. E nem sei se UPP<sup>7</sup> é solução. Eu vivenciei o que aconteceu no Alemão e no Cruzeiro. Então, não sei muito se a UPP é a solução. Mas, moro no Conjunto da Polícia, e pra todo mundo o que tem na favela? Bandido. O que se deveria fazer com uma favela? Exterminar todo mundo. Acabou. Resolvido o problema. Minha entrada no Conexões me fez perceber um preconceito silenciado de um local que é formado por moradores policiais, com os demais espaços populares. Como eles tratam. Não é preciso falar. Você percebe. Dois meninos passando na rua: um negro e um branco. Por que só o negro é revistado? Isso eu fui entender depois do Conexões. Não só porque de ser morador de espaço popular, mas principalmente pela sua cor. Agora, para as pessoas onde moro, eu sou a menina que poderia fazer várias outras coisa, que se formou numa universidade pública e foi trabalhar na favela. As pessoas têm muito preconceito por ter escolhido trabalhar num museu dentro da favela.  
(*Estudante Marília do curso de Museologia e moradora do Conjunto de Favelas do Alemão*).

Um comportamento muito comum entre moradores de favelas distintas é a valorização do seu território em detrimento do outro. Então, para Marília, favela é onde mora o *outro*, ela não, ela mora na *comunidade*. Mesmo assim, Marília escolheu como espaço de atuação profissional um museu na favela. Segundo ela o Programa Conexões

---

<sup>7</sup> UPP – Unidade de Polícia Pacificadora. Programa de segurança desenvolvido pelo Governo do estado que se propõe a retomar e ocupar os territórios favelados ocupados e controlados pelos grupos armados.



de Saberes contribui para o desvelamento dos preconceitos invisíveis praticados por moradores do conjunto onde mora com os moradores de outras localidades. Sua resposta veio através de uma postura política, mas que não deixa de ter um objetivo já que foi buscar na favela sua realização profissional.

Quando percebeu que sua primeira resposta apontava para um distanciamento em relação à favela, perguntamos se moraria na favela onde trabalha. Sua resposta veio de forma evasiva, tergiversou e revelou um temor que talvez diminua com a instalação das UPPs – Unidades de Polícia Pacificadoras -, em voga no Estado do Rio de Janeiro. Mesmo diante do sentimento de indignação contra as formas de discriminação e preconceito em relação às favelas, o movimento de reterritorialização de Marília ainda depende de uma mudança no cotidiano da favela, o que revela uma identidade parcial, pois contempla apenas a parte exótica e cultural, deixando de fora a sociabilidade violenta provocada pelos confrontos entre grupos armados. Visão compartilhada pela maioria daqueles que apoiam as UPPs.

Para Fernanda, estudante de Pedagogia, seu olhar mudou em relação ao dia-a-dia da favela:

Sempre muda o seu olhar. Depois que entrei para o Conexões meu olhar mudou, pois passei a ver que as pessoas em minha volta, por mais que fosse raridade ter um universitário, você vê que as pessoas estão num cotidiano em que poderiam estar melhor de vida, até em relação ao próprio espaço mesmo. Hoje eu falo que as pessoas bagunçam o próprio bairro, não usando de forma indevida os espaços. Eu nunca olhei com muito detalhe não. Hoje eu passo despercebida por algumas coisas, outras não.

Assim como Marília, Fernanda também passou a ter um olhar de estranhamento sobre seu cotidiano, mas ainda distante de um olhar crítico e propositivo. Sua fala *criminaliza* o favelado e o coloca como responsável pelo estado precário do bairro. O que chama de *bagunça e uso indevido do espaço*, poderia ser interpretado por outros moradores como otimização dos espaços. Os espaços na favela são mínimos, com alto índice de ocupação e crescimento populacional, a forma como lidam e se organizam poderia ser interpretado como uma resposta a reduzida oferta de políticas públicas e a quase que total ausência de manutenção dessas políticas.

Então, o que deveria ser trabalhado no Programa como uma prática social tipicamente observada como o desenvolvimento de um saber popular para lidar com a escassez de espaço e que deveria permear as salas de aula universitárias como



problemáticas a serem debatidas e pesquisadas, acaba por se transformar na ratificação de preconceitos que entendem a favela como local *bagunçado*, e que toma maiores proporções e legitimidade a partir do momento que é endossado e homologado por um *estabelecido*, ou seja, um de dentro, ou *cria*, na gíria dos favelados.

Como será então que essa questão se materializa para a estudante Juliana de Museologia:

Inicialmente eu via meu lugar de moradia como bairro. Até por ser criança, como um bairro. Ai depois a gente começou a ver que não era bem assim. A minha rua constava como asfaltada e não era, você tinha a questão da violência muito acirrada, alguns confrontos aconteciam na minha rua. E quando eu morava em Del Castilho não tinha nada disso. Talvez por uma questão meio romântica eu ainda o via como um bairro mesmo sabendo de todas essas dificuldades, como acesso a escola, uma parte das pessoas lá não sabe ler. Na minha rua são muitos alunos repetentes, muitas pessoas que largaram os estudos, poucas referências, nível superior raríssimas. Depois que entro no Conexões tudo muda porque vou entender o porquê daquela realidade. Vou discutir essas questões de aceitação, a maioria das pessoas que moram na minha rua é mestiça, são negras. Então eu vou começar a discutir o porquê daquele comodismo, daquela situação, porque aceitam daquele jeito e não querem sair dali. A maioria das pessoas ali não sabe o que é um lazer, não saem daquilo ali, o seu universo se restringe aquele espaço. As pessoas não saem dali para ir a um teatro, a um cinema, não existem outras possibilidades. É tudo muito ínfimo. É um ciclo vicioso, as pessoas vão tendo filhos e os filhos vão crescendo naquele espaço e a situação não vai mudando. Então, eu passo a pensar e tentar entender um pouco essa loucura e ao mesmo tempo pensando nisso: é uma favela? Não é uma favela? Não gosto desse termo. Sou de origem popular sim, sou de baixa-renda sim, mas estou ai batalhando pelo acho ser certo. E até mesmo tentando aceitar o espaço acadêmico como meu. Por que até então, você está como intrusa num espaço que não lhe pertence. Antes do Conexões eu não via dessa forma, mas depois passei a ver. O espaço da academia não era um espaço pra mim, não era um espaço para negros. Ele não foi feito pra gente. Então, como batalhar para que esse espaço passe a te pertencer realmente? Isso tudo passa vigorar depois do Conexões porque até então você se sente uma gotinha no mar que não é capaz de fazer nada e o Conexões dá essa possibilidade de pensar, discutir e unir forças com outras pessoas para lutar por algo incomum. E não só isso. Mas, também, levar isso para sua vida, pois muito do que sou hoje é por conta da formação do Conexões. Onde esteja levo essas reflexões étnicas, raciais, até porque o museu é reflexo de nossa sociedade e ele vai refletir isso. Ele não vai colocar as peças daquelas comunidades que são mais distantes e que a gente não conhece (...).

Para Juliana a favela é o lugar do não lugar. Ou seja, a favela é o lugar onde tudo que não tem lugar se faz presente. A estudante nos relata uma visão extremamente preconceituosa sobre a favela o que não deixa de ser uma ironia já que a instituição formuladora do Programa se coloca politicamente contrária a essa visão que entende a favela como lugar da ausência. Mesmo quando diz que a partir da entrada no Programa



Conexões de Saberes passa a ter um olhar crítico sobre a sua realidade ela menciona, por exemplo, que o Programa a ajudou a entender o “*comodismo*” daquelas pessoas, mas não de forma a desconstruir esse e outros preconceitos.

Em relação ao território acadêmico Juliana relata que o Programa Conexões de Saberes a ajudou a lutar pelo seu direito de ter direito à Educação Superior e que a partir da sua entrada no Programa conseguiu preencher a sensação de vazio e de solidão que antes sentia, pois descobriu que existem outros estudantes com histórias, origens e trajetórias parecidas com a sua. Nesse sentido, para Juliana foi o ambiente do Programa Conexões de Saberes/UNIRIO onde pôde encontrar outros estudantes com histórias e trajetórias semelhantes, o que fez com que finalmente vivenciasse na universidade um sentimento de pertencimento que antes não existia.

Independentemente das interpretações, perguntas e respostas, percebemos que aqui também, a exemplo da estudante Fernanda de Pedagogia, a questão territorial surge concomitante a questão racial: favela e negritude estão diretamente relacionadas. Mesmo não apresentando uma visão crítica sistematizada sobre essa temática, é possível apreender que suas falas associam os problemas territoriais ao fato da favela ser um território majoritariamente de negros.

Diversos autores da Sociologia e da Geografia desenvolvem diferentes teorias sobre a questão da identidade territorial e a grande maioria concorda que identidade territorial só ocorre combinada com uma atuação política. Não estamos convencidos de que o fato de atuar de forma utilitarista em ações e projetos em comunidades onde não possuem nenhuma identidade ou pertencimento, já que os bolsistas nem sempre conseguem atuar em seus territórios de origem, é suficiente para reforçar ou restabelecer o vínculo territorial e o compromisso político-social com o espaço favelado. Acreditamos que o sentimento de rejeição possa ser até maior do que aquele que possa vir a experimentar no espaço acadêmico.

Ao empreender esforços para entender o movimento que faz com que o território se constitua como o local da experimentação do sujeito, da vivência com seu cotidiano, com seus pares, o objetivo foi focar no território como ponto aglutinador e disseminador para outras territorialidades, outras interatividades.

Essa relação de pertencimento territorial toma o formato de um movimento que vai se constituir com o passar do tempo como um dos principais elementos para o



fortalecimento da identidade do sujeito ou do coletivo com seu território de morada. A ideia de pertencimento, de identidade ao *espaço vivido*, de concebê-lo como local das práticas onde se constroem as relações identitárias de uma complexa tessitura social é que garante a esse espaço o caráter de território. Ou seja, o território só passa a ser assim conceituado a partir da ação humana e social de alguém ou de um coletivo, seja ele formado por universitários, favelados, quilombolas, indígenas etc.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HAESBAERT, Rogério. *O Mito da Desterritorialização*. Do “fim dos territórios” à Multiterritorialidade. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2009.

\_\_\_\_\_. Concepções de Território para Entender a Desterritorialização. In: SANTOS, Milton [et al.] Rio de Janeiro: Lamparina, 2007. 3ª Edição.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

SANTOS, Milton. *O Espaço do Cidadão*. São Paulo, SP. Nobel, 4ª Ed. 1998.

\_\_\_\_\_. *Por Uma Outra Globalização: do pensamento único à consciência universal*. 3ª Ed Rio de Janeiro: Record, 2000.

*Recebido em novembro de 2013*

*Aprovado em janeiro de 2014*